

Entrevista

Marina Silva

Não vou ficar na c cativa de candidat



adeira a



Maria Osmarina Marina Silva Vaz de Lima. Marina Silva. De fato branco, sentada numa cadeira, agora de pé, cabelo apanhado, ela fala, voz de menina pequena, oratória de gente grande, há algo de sereno e angelical nela. Está na Gulbenkian, prepara-se para falar sobre o “Our Common Futur”, o famoso “Brundtland Report” que a ONU publicou em 1987. Marina Silva nasceu no Seringal Bagaço, a 70 quilómetros de Rio Branco, no estado brasileiro do Acre, num casebre de paxiúba (uma espécie de palmeira) coberta de palha, escreve Marília de Camargo César na biografia “Marina, a vida por uma causa”. Esta mulher, “doutorada” em literatura de cordel, cresceu e adormeceu ao som de histórias contadas pelos tios e pela avó Júlia, conta a escritora. Veio a malária, veio a hepatite e a seringueira frágil foi para a cidade grande aos 16 anos. Estudou, estudou, estudou. Ficou uma Marina radical, ainda que “igrejeira”, arruaceira, guerreira, uma agitadora do Partido Revolucionário Comunista (PRV), uma sindicalista ao lado de Chico Mendes. Filiou-se no Partido dos Trabalhadores (PT), foi vereadora do município de Rio Branco, foi senadora. Esteve ao lado de Lula enquanto ministra do Meio Ambiente entre 2003 e 2008. Saiu, desentendida. Foi o rosto do Partido Verde (PV) na candidatura à Presidência da República, ficou com 19,3% dos votos, a terceira posição na corrida eleitoral. Lidera um movimento, verde, claro, e “suprapartidário”, como gosta de frisar. “Uma filha da Amazônia que mexeu com a política de um país”, escreveu o “The New York Times”, “Uma das personalidades capazes de salvar o planeta”, qualificou o “The Guardian”. “Uma mulher que parece acreditar que o mundo pode voltar a ser um jardim”, descreve Marília de Camargo César.

LÚCIA CRESPO Texto BRUNO SIMÃO Fotografia

Qual a sua leitura dos protestos mundiais dos “indignados”?

As pessoas estão dizendo, claramente, para as lideranças políticas e empresariais que não querem mais ser espectadoras da política, mas sim protagonistas. Estão dizendo que não querem ficar passivamente assistindo a constantes crises a que são submetidas, com consequências dramáticas para as finanças públicas, para os seus empregos e para os seus sonhos. As pessoas estão dizendo que as soluções tomadas pelas lideranças estão erradas porque os lucros são apropriados privadamente e os prejuízos são estatizados com uma conta grave para a sociedade. Por outro lado, as pessoas estão agindo sem necessariamente saber ainda o que fazer e para onde ir, mas não se pode cobrar que saibam porque ninguém sabe, nem os que provocaram a crise sabem, quanto mais quem é a vítima dessa crise. As pessoas estão tentando segurar-se em alguma borda, na tentativa de criar uma superfície de sustentação para a continuidade da vida sem que essa vida esteja descolada do sonho, porque quando as pessoas se descolam da possibilidade de sonhar e de construir um futuro melhor...

O que pode acontecer?

Tenho pensado muito nesse descolamento da sociedade em relação às formas actuais de representação, no facto de as pessoas não se sentirem mais contempladas no que existe, e eu inventei um nome para isso. Diria que as pessoas estão insatisfeitas com aquilo que nós temos como democracia directa e democracia representativa, que não atende mais as demandas de participação da sociedade, e hoje, com os meios modernos de comunicação e Internet, estamos vivendo uma espécie de “democracia prospectiva” (esse é o nome que inventei), as pessoas estão prospectando novos aplicativos para a democracia. Antes, quem fazia essa prospecção eram os partidos, os governos, as corporações, a academia, depois os sindicatos e as ONG. Com a Internet, e uma forma em rede completamente horizontalizada, as pessoas começaram a criar os seus próprios grupos de interesse, as suas audiências, os seus meios de integrar informação, propósitos e sentidos. E os modelos antigos não sabem lidar com esse novo sujeito político capaz de criar seus próprios

encontros, seus sonhos, seus desencantos. Espero que essa “democracia prospectiva” contribua para novas visões, novos processos, novas estruturas.

Também se pode falar em “democracia prospectiva” nos países das “Primaveras Árabes”?

Eu diria que sim, porque essa democracia prospectiva é só possibilidade democrática de prospectar o que eu quero ou não quero, o que eu gostaria de querer. As pessoas têm essa possibilidade, mas ainda não é uma resposta em termos de visão do mundo, em termos dos processos, das novas estruturas que precisam de ser criadas para serem compatíveis com a forma de agir desse sujeito. Diria que, do ponto de vista da visão, tem que ser uma visão generosa, democrática, aberta, capaz de dividir a autoria, a realização e o reconhecimento daquilo que fazemos. Uma visão que não pretenda hegemonizar as diferenças ou diluir os sonhos, uma visão que seja capaz de criar essa profusão de indivíduos que se colocam querendo a democracia do indivíduo, mas criando uma amálgama para o interesse público porque, sem isso, não há como ter sociedade, como sobreviver.

Porquê esta “crise” da democracia representativa?

Isso deve ser cobrado aos representantes. Os representantes acharam que podiam substituir os representados e agora os representados estão dizendo: “não, vocês estão eleitos para nos representar, não para nos substituir; não podem usurpar a nossa condição de representados”. Esta crise é composta de múltiplas crises. A crise se configura numa crise económica, crise social, crise ambiental, política e, principalmente, de valores, de sentidos, de significados, de significação.

Mas esta crise de valores não é assim tão recente. Contudo, só agora, com a crise económica e financeira, é que parece haver uma maior mobilização...

A magnitude da crise que estamos a viver não diz respeito só à crise económica. No Egipto, as pessoas mobilizaram-se pela democracia, no Chile estão a mobilizar-se porque não querem a privatização e a importação de modelos que são estranhos à

Entrevista

Marina Silva



sua realidade para a educação. No Brasil, as pessoas com prosperidade económica estão a mobilizar-se contra a corrupção. Como disse, acho que as pessoas não querem ser espectadores da política, mas protagonistas. E talvez não seja justo desqualificar-se alguém que se mobiliza em função da questão económica, afinal de contas, a especulação financeira e a especulação imobiliária fez o que fez com a economia do planeta, ameaçando a vida das pessoas, o seu futuro, os seus sonhos.

No começo, a mudança é apenas um desvio e nós temos que ficar atentos para ver quais são os desvios que queremos que prosperem e aqueles que gostaríamos que não prosperassem. Por exemplo, as manifestações dos jovens em Londres... talvez esse não seja o desvio que devia prosperar. Já os jovens em Espanha estão dizendo que os sonhos deles são maiores que as nossas urnas. Talvez isso seja algo significativo para a gente poder pensar.

Aborda está a movimentar-se e, ao movimentar-se, é possível que possa criar uma nova qualidade política. A preocupação é que, num processo como este, é preciso que se crie uma nova superfície de sustentação, tanto para fazer, quanto para sonhar. Neste momento, as pessoas estão a sentir-se sem chão e esse descolamento não é bom para elas, para as próprias democracias e para aquilo que acumulamos como raça humana, que é o sentido de uma aliança intergeracional. Não podemos perder o laço e vínculo social com aqueles que virão depois de nós. A crise económica é grave,

sim, mas a crise ambiental é mais grave, não podemos dissociar e dar solução para uma e não dar para a outra.

Contudo, os pacotes ambientais e políticas “verdes” estão mais enfraquecidos em nome do crescimento económico. Como se os governantes dissessem: isso é muito bonito, mas agora temos de enfrentar a realidade...

Eu pego na frase. Não é para ser bonito. É para evitar o que há de mais feio, a destruição das nossas base naturais, a destruição daquilo que promove e sustenta a vida. A vida só é vida porque é sucessiva, a única coisa permanente é a morte e, se as bases que sustentam essa sucessividade forem destruídas, nós estaremos minando a própria vida. Nós somos muito bons em dar significado às nossas ânsias económicas, às nossas ambições que destroem os recursos de milhares humanos apenas pelos lucros de algumas décadas. Mas não temos a mesma sensibilidade quando se trata daquilo que é mais importante. Eu diria que temos de fazer as duas coisas, tratar a crise económica e a crise ambiental. A crise económica tem efeitos avassaladores imediatos e deve ser tratada, a crise ambiental tem efeitos avassaladores no longo prazo. Se a temperatura da terra ultrapassar os dois graus, há enorme chance de destruírmos todas as condições que promovem a vida no planeta. É tão grave e tão dramático que nem sequer conseguimos uma metáfora para isso e talvez seja por isso que a mente das nossas lideranças políticas esteja cauterizada.

“Precisamos voltar ao nosso berço: os Romanos, queriam ser fortes e grandes; na Idade Média as pessoas desejavam ser Santas; em pleno século XXI a humanidade quer fazer e consumir. Não é voltar à idade da pedra, é ser feliz e pleno não pelo fazer e ter (...) Temos que aprender a ser feliz de outra forma, não com bens que registrem uma certa posição social”, explicou numa entrevista.

Há que aprender a ser feliz de outra forma. Tenho dito que a humanidade precisa de se reconectar com a sua infância civilizatória porque, no passado, não tínhamos a dimensão do fazer como temos hoje. Os romanos queriam ser grandes e fortes, os gregos queriam ser sábios e livres (pelo menos os senhores, pois as mulheres e os escravos não podiam...) na Idade Média, as pessoas queriam ser santas e um belo dia acordámos sequestrados pelo mercantilismo, que transforma o ser artesão em fazer artefactos, o ser filósofo em fazer filosofia, o ser cientista em fazer ciência, o ser santo em fazer igrejas e fieis. Eu tenho um amigo argentino psicanalista e ele sempre diz que a gente não pergunta a uma criança o que ela vai fazer quando crescer, a gente pergunta o que ela vai ser. Criou-se uma engenharia de destruição do futuro chamada consumo, as pessoas consomem desesperadamente. Temos que parar para resignificar essa experiência, o que não pressupõe a negação daquilo que fizemos, mas sim uma nova perspectiva para historiar esse passado e poder construir um futuro. Essas crises são difíceis, mas também podem ser possibilidades.

A sustentabilidade não é uma maneira de fazer, mas diz respeito a um modo de ser, a um questionamento daquilo que somos e que queremos ser enquanto raça humana e aí há que fazer um esforço para integrar economia, ecologia, ética, o simbólico, o imaterial, integrando os diferentes saberes, o saber narrativo, saber científico.

A sua forma de exercer a cidadania passa por fundar um novo partido?

Neste momento estou num movimento suprapartidário, com pessoas de diferentes partidos, do PT, do PDR do PV. Não se faz um partido por causa da eleição, faz-se um partido quando se tem uma proposta, uma visão do mundo, ainda que em processo, porque ninguém consegue ter isso de forma acabada e se tem é porque já está esgotada, estagnada. Então, eu diria que o movimento precisa de ser amplo, grande, relevante e, se no decorrer do processo, tiver profundidade para que parte dele se transforme num partido, então, aqueles que desejam um partido poderão até fazê-lo.

Agente não precisa de estar o tempo todo concordando como se fosse uma manada. Não precisamos pensar igual como se fôssemos batata, cebola ou saco de estopa, não, a gente tem que se expor à diferença. Então, o movimento é para isso, eu estou imbuída disso, não vou ficar na cadeira cativa de candidata, não vou tratar os votos que tive como se fossem uma herança, eu trato-os como se fossem um legado, os votos não são meus, são dos eleitores. Essa visão patrimonialista que trata os votos como se fossem do partido do candidato é o que a sociedade está dizendo que é preciso dar um “basta”.

O voto é do cidadão e, cada vez mais, as pessoas têm que assumir um papel de sujeito da sua missão política, não podem transferir, terceirizar a sua responsabilidade para um Messias ou um salvador. Chegou a hora de política de longo prazo, chegou a hora de termos curtos prazos dos políticos em lugar de políticas de curto prazo para alongar o prazo dos políticos. A sociedade tem que ter essa prerrogativa de recolher o mandato, a delegação, distribuir e passar para quem achar para quem é mais oportuno. Não pode haver essa história de cadeira cativa. Gosto muito de quem disse que só os déspotas podem oferecer um destino, os democratas podem oferecer a possibilidade de um mundo melhor que seja construído com a participação de todos.

Como avalia a actual governação no Brasil? Dilma é um “Lula de saias” ou afastou-se da sua sombra?

Eu acho que ela é ela mesma, com a sua história, que, obviamente, teve a contribuição do presidente Lula, mas agora vai ter que caminhar a partir daquilo que foram as bases de acordos que a levaram a PR. Ela está diante de uma situação muito difícil. Em menos de um ano, cinco ministros já caíram e há ministros na berlinda o tempo todo. O problema é que é uma espécie de cacimba de areia porque a base está no sistema político, nos acordos que foram feitos. Saem os ministros, mas os partidos continuam sendo donos da vaga, em prejuízo, às vezes, da própria vontade da PR. E eu insisto: temos avanços no Brasil nos últimos 16 anos na área económica, social, mas esses ganhos podem ser prejudicados pelo atraso na política. O problema da corrupção não é problema dos governos, é um problema da sociedade, é um problema nosso. Enquanto a sociedade tratar isso como se fosse um problema dos governos, vai haver corrupção ao nível mais degradante como temos e como temos tido.

É um problema cultural?

Não trataria como questão cultural, diria que é um processo de retroalimentação perversa entre aqueles que tem pouca virtude e as instituições que ainda não têm a virtude adequada para corrigir os cidadãos quando eles falham as suas virtudes. As pessoas boas criam boas instituições e as instituições boas corrigem as pessoas quando elas falham em suas virtudes. É isso que precisa de ser aperfeiçoado no Brasil. Eu vi, com muita esperança, as mais de 20 mil pessoas que se mobilizaram contra a corrupção. Esse tem que ser um processo não capitaneado por um grupo, por uma pessoa, ou por um partido. Tem que ser um processo de auto-convocação. Quando a sociedade se auto-convocou para acabar com a escravidão, acabou com a escravidão, quando a sociedade de auto-convocou para acabar a inflação e diminuir a pobreza, conseguiu, quando se auto-convocou para conquistar a democracia, conseguiu. Hoje há um questionamento da corrupção do mundo inteiro e as pessoas estão pedindo de volta a delegação, é por isso que estão nas praças, não vão esperar pelas eleições.

As pessoas não querem mais ser espectadoras da política, mas sim protagonistas.

Pessoas boas criam boas instituições e as instituições boas corrigem as pessoas quando elas falham nas suas virtudes.

Chegou a hora de haver curtos prazos dos políticos em lugar de políticas de curto prazo para alongar o prazo dos políticos.

Pub

VENHA PROVAR CONNOSCO!

2011 2011

A REVISTA DE VINHOS CONVIDA-O A PARTICIPAR
no evento **VÍNICO e GASTRONÓMICO**
mais esperado do ano

Se é amante dos verdadeiros prazeres da vida, não pode perder aquela que é a melhor combinação de sabores - os melhores vinhos, os melhores queijos, os melhores fumados e os melhores doces. Tudo num só lugar.

- Provas de Vinhos e Sabores nacionais e estrangeiros)
- 350 produtores em exposição
- Harmonizações de Sabores com Vinhos
- Concurso "A Escolha da Imprensa": um painel alargado de jornalistas escolhe os melhores vinhos do Encontro.

ENCONTRO COM O VINHO e SABORES

Centro de Congressos de Lisboa (Lisboeira)

28 de Outubro
(6ªF) 18h/22h

29 e 30 de Outubro
(Sábado e Domingo) 14h/20h

31 de Outubro (Reservado a Profissionais)
(2ªF) 11h/18h

Entrada: 10€

www.revistadevinhos.iol.pt

Patrocinador: **VISTUS** 50 MEDIA CAPITAL 2011

Patrocinador: **INTER** 80

Patrocinador: **80**

